



DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR BAIANO – JANEIRO/2023

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior Baiano – Maio/2023, 3

Importações, 8

Apêndice A – Maio 2023

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Balança - Brasil X Bahia
- Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Novembro de 2023

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XIV - Importações nordestinas por estado
- Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatísticas

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Henrique Rocha Reis (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Guanaís

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica

Laura Dantas

Editoração

Autor Visual Design Gráfico

Perivaldo Barreto

Desempenho do Comércio Exterior Baiano – Janeiro/2023

No primeiro mês de 2023, as exportações baianas caíram 35,8% em comparação ao igual mês do ano passado, atingindo US\$ 603,4 milhões. A queda reflete ainda o cenário de desaceleração da economia global, mesmo com alguns sinais de reversão das perspectivas mais sombrias.

Contribuíram ainda para o menor desempenho da atividade a parada para manutenção programada da Refinaria de Mataripe no final do ano passado, a queda dos volumes embarcados e a estabilidade dos preços da soja em janeiro, o que se deve tanto à entressafra como à desvalorização do Dólar e à redução da demanda externa, que também aguarda a evolução da colheita para fazer novas aquisições por valores mais atrativos.

As importações somaram US\$ 978,1 milhões e também tiveram queda de 36,1% em janeiro em relação ao igual mês do ano passado. Embora, para este ano, seja esperada uma queda no comércio exterior em relação a 2022, ainda é cedo para se dizer que o recuo tanto de exportações como de importações em janeiro já seja uma nova tendência.

Quanto aos preços, houve aumento tanto em exportações quanto em importações. Os preços médios dos produtos embarcados em janeiro subiram 0,5% em relação ao igual período do ano passado. Nas importações, a variação foi mais alta, de 6%, na mesma base de comparação. Houve comportamento semelhante nos volumes, com queda de 36,1% no quantum das exportações e recuo de 39,7% nas importações.

No recorte por atividade econômica, houve avanço nas exportações da *indústria extrativa* (58,4%), especialmente nos embarques de minério de níquel. Em compensação, houve redução nos setores de maior peso na pauta: a *indústria de transformação* (-51,9%) e a *agropecuária* (-35,4%).

Já em relação às importações, houve aumento nas compras de *bens intermediários* (6%) e *bens de consumo* (40,3%); mas queda nas compras de *combustíveis* (-67,1%) e *bens de capital* (-12,7%).

O cenário externo relativamente pessimista que prevaleceu até outubro de 2022 seguiu perdendo força

Tabela 1

Balança comercial – Bahia – Jan./Jan. – 2022/2023
(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %
Exportações	939.299	603.409	-35,76
Importações	1.530.392	978.096	-36,09
Saldo	-591.093	-374.687	-36,61
Corrente de comércio	2.469.692	1.581.505	-35,96

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 08/02/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

ao longo de janeiro. Vários fatores contribuíram para isso, com destaque para as condições econômicas mais favoráveis na Área do Euro e na China, a resiliência da economia americana e algumas boas surpresas com relação à inflação.

Ante esses fatores, o Fundo Monetário Internacional (FMI) publicou novas projeções econômicas para este e os próximos anos, em que destaca as taxas de crescimento econômico mais elevadas. Para 2023, a previsão agora é que o PIB mundial tenha expansão de 2,9%, contra os 2,7% esperados três meses atrás. Essa taxa, porém, ainda sinaliza uma desaceleração importante em relação à alta de 3,4% estimada para 2022, ficando quase um ponto percentual aquém da média de 3,8% registrada em 2000-19.

Na Europa, a revisão das expectativas reflete a surpresa positiva com a temperatura no inverno, que tem sido mais quente que o previsto, dessa forma diminuindo a demanda residencial por gás. Isto tem simultaneamente liberado mais gás para o setor industrial e causado uma queda no seu preço, aliviando as pressões inflacionárias.

Pode-se estar entrando em um novo longo ciclo de expansão, com inflação e taxas de juros mais baixas. Esses efeitos já apareceram no resultado do PIB da Zona do Euro do quarto trimestre 2022, que registrou ligeira alta (0,1%), e nos preços ao consumidor, com a inflação em 12 meses caindo em janeiro para 8,5%, depois de atingir um recorde de 10,6% em outubro. O FMI agora prevê que a região cresça 0,7% este ano, contra 0,5% esperado antes, com destaque para Alemanha (0,1%) e Itália (0,6%), países para os quais o Fundo antevia, anteriormente, queda da atividade.

Na China, a grande mudança diz respeito ao fim do isolamento social que vinha sendo imposto para combater a covid-19. Há a expectativa de que, com isso, o país viva uma experiência semelhante à do Brasil em 2021-22, quando as famílias saíram de casa dando vazão ao consumo reprimido, aproveitando toda a poupança acumulada durante a quarentena.

Também se espera que o setor imobiliário se beneficie desse processo, como se viu igualmente no Brasil, para o que contribuiriam adicionalmente uma postura mais favorável das autoridades e a expansão do crédito. Essas são as principais razões para a revisão, de 0,8 ponto percentual (p.p.), para 5,2%, da projeção de crescimento chinês em 2023, uma aceleração expressiva em relação à alta de 3% em 2022.

O Fundo também elevou a projeção de crescimento para os EUA, de 1% para 1,4%, revisão consistente com o forte desempenho que o mercado de trabalho americano segue mostrando. A maioria dos analistas ainda projeta, porém, que a economia americana irá passar por uma recessão, datada mais para o final de 2023 ou início de 2024, ainda que trabalhando com a premissa de que essa será leve. Pelo menos, essa é a sinalização que vem de indicadores de alta frequência, como o ISM da indústria de transformação, que caiu pela terceira vez em janeiro.

Em que pese estar mais otimista em relação à atividade econômica, o FMI segue projetando que tanto as economias avançadas como as emergentes passarão por significativo processo de desinflação neste e no próximo ano. Nas primeiras, a inflação ao consumidor cairia de 7,6% em 2022 para 4,6% este ano e 2,6% em 2024. Esse processo seria mais lento e menos significativo entre as emergentes, onde a queda sairia de 9,9% em 2022 para 8,1% este ano e 5,5% em 2024. Na comparação

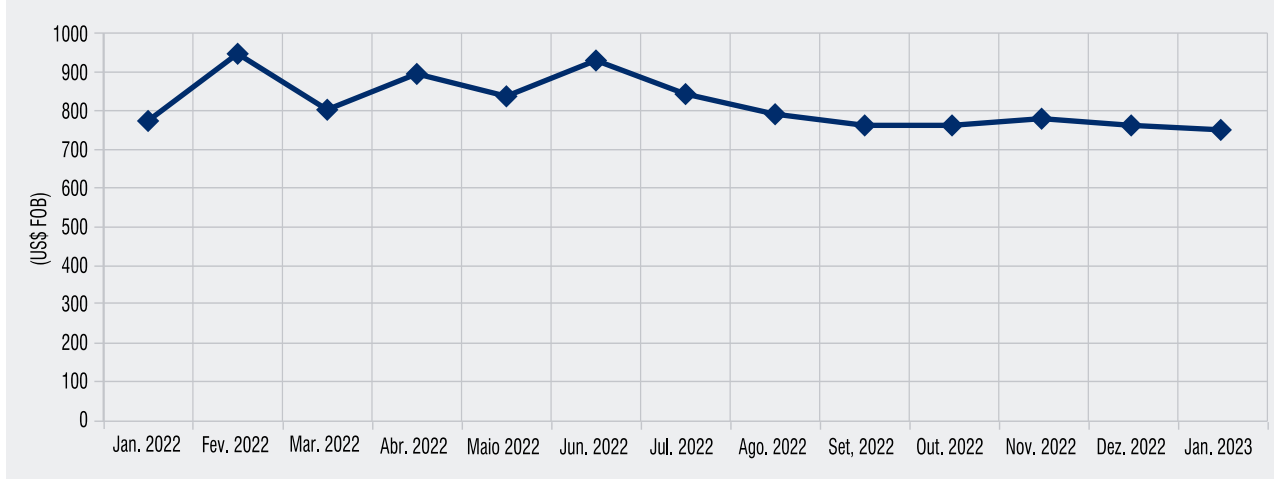
entre os últimos trimestres de 2023 e 2024, a inflação ainda estaria em 4,5%.

Em geral, trata-se de um cenário bem mais favorável às emergentes do que o que se tinha antes. Além da atividade mais forte, o fato de o processo de aperto monetário estar mais adiantado nos EUA do que no Japão e na Europa, onde altas de juros adicionais à de ontem são previstas, deve contribuir para enfraquecer mais o Dólar, para além da queda de 10% observada nos últimos três meses no índice DXY, que compara a moeda americana a outras moedas fortes.

Isso deve se traduzir em preços de *commodities* mais altos e em taxas de câmbio mais apreciadas, ajudando a elevar a atividade e a arrecadação tributária, sem grandes impactos sobre a inflação. Um quadro que já se refletiu na valorização dos ativos desses países em janeiro deste ano.

Apesar de certo otimismo exagerado, tanto em relação ao desemprego quanto à inflação, aumentam as chances de o mundo estar ingressando em um novo ciclo prolongado de expansão, caracterizado por inflação e taxas de juros baixas, o que resultaria em forte valorização de ativos financeiros, o que seria especialmente favorável a países emergentes, como o Brasil. Caso contrário, a perspectiva é que 2023 seja mais volátil e complicado do que o previsto atualmente. No atual cenário considerado pouco provável, o mundo permaneceria envolvido em uma crise de grande escala, que inclui novos problemas sanitários, guerra da Rússia na Ucrânia, inflação alta, temores de recessão e aumento dos problemas com a dívida dos mercados emergentes e países em desenvolvimento. Assim, o que se deve evitar é uma fonte adicional de danos econômicos, como uma guerra comercial destrutiva envolvendo os principais atores do comércio global.

Gráfico 1
Evolução mensal dos preços médios das exportações baianas – 2022-2023



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 02//2023.

Elaboração: SEI

Com a pressão de custos de produção e câmbio mais desfavorável, a rentabilidade média dos exportadores caiu 3,3% em 2022 contra o ano anterior. Os preços médios dos produtos embarcados avançaram 13,7%, mas isso não compensou o impacto da alta de 12,5% nos custos de produção e da valorização de 4,3% na taxa de câmbio nominal. Os dados são da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex).

A perspectiva é de cenário desafiador para 2023, com acomodação de preços dos principais produtos da

pauta brasileira de exportação e comércio global em desaceleração. Este ano, uma leve desvalorização do Real ante o Dólar possibilitará melhora marginal na rentabilidade do exportador, mas isso no cenário em que os custos de produção e o preço dos produtos exportados não exerçam pressões negativas.

A Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB) diz que, para 2023, o cenário é desafiador para a rentabilidade. A expectativa, de forma geral, é de acomodação de preços em meio à expectativa de desaceleração do comércio mundial.

Tabela 2
Exportações baianas – Principais segmentos – Jan./Jan. – 2022/2023

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2022	2023			
Papel e celulose	100.312	102.702	2,38	17,02	15,23
Soja e derivados	125.303	100.941	-19,44	16,73	23,44
Petróleo e derivados	322.409	81.562	-74,70	13,52	-13,52
Químicos e petroquímicos	112.715	55.457	-50,80	9,19	-21,51
Metais preciosos	35.049	45.286	29,21	7,51	252,99
Minerais	18.244	39.149	114,58	6,49	899,90
Metalúrgicos	44.606	27.714	-37,87	4,59	8,78
Algodão e seus subprodutos	76.119	27.534	-63,83	4,56	-12,95
Café e especiarias	27.509	15.904	-42,19	2,64	-5,57
Borracha e suas obras	12.974	13.860	6,82	2,30	29,16
Cacau e derivados	20.298	13.835	-31,84	2,29	-5,84
Frutas e suas preparações	7.784	7.019	-9,83	1,16	-5,83
Calçados e suas partes	6.805	6.309	-7,28	1,05	2,39
Sisal e derivados	8.853	6.122	-30,85	1,01	4,88
Couros e peles	5.168	3.659	-29,20	0,61	-33,08
Carne e suas miudezas	1.972	2.018	2,33	0,33	20,06
Fumo e derivados	3.372	1.861	-44,82	0,31	33,12
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	1.877	597	-68,21	0,10	-60,15
Demais segmentos	108.242	154.583	42,81	25,62	-52,96
Total	939.299	603.409	-35,76	100,00	0,54

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 08/02/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>
 Elaboração: SEI.

Refletindo o cenário de desaceleração global e de preços médios declinantes, agravado pela parada para manutenção programada da Refinaria de Mataripe no final do ano passado; pela queda nos preços do petróleo no mercado internacional que se refletiu também no setor petroquímico, além da queda dos volumes embarcados, o atraso da colheita da soja, que ao contrário de outras commodities, se valorizou, as exportações baianas registraram redução em seus principais segmentos.

A exceção foi no segmento de papel e celulose que liderou a pauta, com US\$ 102,7 milhões em receita, crescimento de 2,4% e valorização média de 15,2% em seus preços médios, todos comparados ao mesmo

período de 2022. Apesar da queda de 11,1% nos embarques do mês, janeiro foi considerado pelas empresas um bom período do ponto de vista de demanda do setor, mas é cedo para afirmar que haverá retomada. Desde meados do ano passado, o consumo de celulose está mais reprimido e, apesar do início da correção dos preços nos mercados maduros, eles ainda estão aquém das projeções iniciais.

As exportações estaduais em janeiro seguem concentradas em poucos países. A China permanece na liderança, com 12,2% de participação e crescimento de 94,4% em relação a janeiro de 2022. Os seis principais destinos foram responsáveis por 60,4% do valor total

das exportações no mês, com destaque para as vendas ao Canadá (ouro, minério de níquel, pneumáticos) e à Argentina (óleo combustível, derivados de cacau, calçados, químicos).

As vendas totais para a Ásia caíram 58,5%, o que está relacionada à redução nos embarques de derivados de petróleo, principalmente para Singapura, maior mercado para o segmento. Na mesma base de comparação, as vendas para a América do Norte subiram 18,5%, enquanto recuaram tanto para o Mercosul como para a União Europeia, em 12% e 26%, respectivamente.

IMPORTAÇÃO

Em janeiro, as importações baianas somaram US\$ 978,1 milhões, com queda de 36,1% em relação a igual mês do ano passado.

Embora seja esperada uma queda nas importações este ano em relação a 2022, ainda é prematuro afirmar que

o recuo dos desembarques em janeiro seja uma nova tendência, mesmo porque essa redução se concentrou na categoria combustíveis, que registrou uma retração de 67,1%, possivelmente relacionada à parada para manutenção da Refinaria de Mataripe.

Com as previsões de redução da atividade econômica em 2023, é esperada uma queda no volume das compras externas. O que pode reduzir esse comportamento é uma reação maior que a esperada da demanda doméstica no segundo semestre, o que aceleraria as importações. Por enquanto, a previsão é de baixo crescimento da economia doméstica, com alta de PIB entre 1% e 1,2% este ano.

Para o comércio exterior como um todo, janeiro um período atípico, com pouca exportação de grãos, por exemplo, e certa redução da atividade econômica. É preciso esperar os resultados dos próximos meses para verificar as novas tendências.

Tabela 3
Importações baianas por categorias de uso – Jan./Jan. – 2022/2023

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	580.630	615.245	5,96	62,90
Combustíveis e Lubrificantes	893.308	293.536	-67,14	30,01
Bens de Consumo (BC)	37.768	53.000	40,33	5,42
Bens de Capital (BK)	18.686	16.315	-12,69	1,67
Total	1.530.392	978.096	-36,09	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 08/02/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.



SECRETARIA DO
PLANEJAMENTO

